

Comunicação, Mídias e Educação

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

/Promotion
/Research
/Business
/Development
/Engineering
/Manufacturing
/Planning

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

(Organizadora)

Comunicação, Mídias e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, mídias e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-344-6 DOI 10.22533/at.ed.446192205 1. Aprendizagem. 2. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 3. Comunicação na educação. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 371.1022
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Essa obra reúne um conjunto de pesquisas sobre as novas tecnologias e técnicas aplicadas à comunicação. O compilado de artigos traz contribuições relevantes para a comunidade científica e profissionais da área.

O e-book, composto por 36 artigos, apresenta diálogos contemporâneos e reflexões sobre o papel da comunicação nos mais diversos âmbitos. Estudos analisam o uso das novas mídias na educação e avaliam a convergência dos meios na partilha de informações e aprendizagem em conjunto. Pesquisas também retratam o consumo midiático, culturas comunicacionais e as manifestações no espaço urbano.

Há artigos sobre o ambiente *comunicacional* digital e o impacto das novas tecnologias na sociedade. Autores também discutem as discrepâncias entre as visões de mundo dos jornalistas e dos usuários de redes sociais e o papel dos meios de comunicação na representação da realidade. O volume traz pesquisadores de peso que compartilham conhecimento e estimulam novos estudos na área da comunicação.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS PRIMEIROS PASSOS DO MUSEU DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA (MUGEO): HISTÓRICO E ACERVO	
Lena Simone Barata Souza Ezequias Nogueira Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.4461922051	
CAPÍTULO 2	16
CARTOGRAFÍA DIGITAL INTERACTIVA DE LO PATRIMONIAL: DEL RELATO AL “DATO” Y VICEVERSA	
Liliana Fracasso David Aperador Francisco Cabanzo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922052	
CAPÍTULO 3	33
A UTILIZAÇÃO DE MAQUETES E IMAGENS TÁTEIS COMO IMPULSIONADORAS DO APRENDIZADO PARA CEGOS E PESSOAS COM BAIXA VISÃO NAS GEOCIÊNCIAS	
Loruama Geovanna Guedes Vardiero Rodson Abreu Marques Tamires Costa Velasco Matheus Gomes Fanelli Jeruza Lacerda Benincá Barbosa Sandro Lúcio Mauri Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4461922053	
CAPÍTULO 4	45
REPRESENTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA TV: UMA ANÁLISE DA SÉRIE “SOBRE RODAS” COM O PARATLETA FERNANDO FERNANDES	
Antonio Janiel Ienerich da Silva Henrique Alexander Grazzi Keske	
DOI 10.22533/at.ed.4461922054	
CAPÍTULO 5	62
ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA NARRATIVIZADA: AS REDES SOCIAIS COMO LUGAR DE FALA PARA SUJEITOS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO	
Igor Lucas Ries	
DOI 10.22533/at.ed.4461922055	
CAPÍTULO 6	74
DISCURSO CIENTÍFICO E DISCURSO ACADÊMICO: SOBRE UM POSSÍVEL GESTO POLISSÊMICO DE LEITURA	
Bianca Queda Costa Solange Maria Leda Gallo	
DOI 10.22533/at.ed.4461922056	

CAPÍTULO 7	78
PARSER E LEITURA AUTOMATIZADA DE CURRÍCULOS DA PLATAFORMA LATTES PARA EXTRAÇÃO DE INDICADORES ACADÊMICOS E TECNOLÓGICOS	
Fernando Sarturi Prass Franklin Matheus Boijink Alexandre de Oliveira Zamberlan	
DOI 10.22533/at.ed.4461922057	
CAPÍTULO 8	96
ANOTAÇÕES SEMÂNTICAS EM REPOSITÓRIOS ACADÊMICOS:UM ESTUDO DE CASO COM O RI UFBA	
Aline Meira Rocha Lais do Nascimento Salvador Marlo Vieira dos Santos e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.4461922058	
CAPÍTULO 9	113
CONTEÚDO AUDIOVISUAL DO CURSO DE PEDAGOGIA SEMIPRESENCIAL DA UNESP/UNIVESP	
Dayra Émile Guedes Martínez José Luís Bizelli	
DOI 10.22533/at.ed.4461922059	
CAPÍTULO 10	120
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: APRENDIZAGEM EM REDE	
Daiane de Lourdes Alves Ângela Cutolo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220510	
CAPÍTULO 11	132
DESAFIOS DA TUTORIA EM EAD E ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO	
Tamara de Lima Lorayne de Freitas Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44619220511	
CAPÍTULO 12	143
CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE CONHECIMENTO – VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS COM A METODOLOGIA ATIVA	
Reyla Rodrigues Ribeiro Levy Silva Ribeiro Bruno Bernardes de Menezes Raquel Aparecida Souza	
DOI 10.22533/at.ed.44619220512	

CAPÍTULO 13	154
MATHQUIZ: UM JOGO EDUCATIVO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS	
José Marcelo Silva Santiago Monck Charles Nunes De Albuquerque Francisco Ranulfo Freitas Martins Junior Fernanda Kécia De Almeida Yuri Soares De Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220513	
CAPÍTULO 14	165
A MÍDIA COMO VERTENTE INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA	
Sebastião Jacinto dos Santos João Clemente de Souza Neto Marcos Júlio Sergi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220514	
CAPÍTULO 15	180
EDUCAÇÃO VISUAL: DESENVOLVIMENTO GRÁFICO DE FASCÍCULOS COM CONTEÚDO DIDÁTICO	
Caroline de Cerqueira Medeiros Fabiola Arantes de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220515	
CAPÍTULO 16	194
CULTURA VISUAL E IDENTIDADE DOS ALUNOS DO CAP-UERJ	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.44619220516	
CAPÍTULO 17	205
JUVENTUDES INTERIORANAS: ESTUDANTES DE PUBLICIDADE E SUAS MANEIRAS DE COMUNICAR	
Renata Valeria Calixto de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.44619220517	
CAPÍTULO 18	215
FARTURA TRAZ ALEGRIA! O FUNK OSTENTAÇÃO E AS SUBJETIVIDADES JOVENS	
Juliana Ribeiro de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.44619220518	
CAPÍTULO 19	227
REPRESENTATIVIDADE E GÊNERO NAS PRODUÇÕES MÍDIÁTICAS: DILEMAS E APROXIMAÇÕES	
Ariana Grzegozeski Schneider Márcio Giusti Trevisol	
DOI 10.22533/at.ed.44619220519	
CAPÍTULO 20	238
A AUTOACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE UM CASO REAL	
Bruno Filipe Griebeler	
DOI 10.22533/at.ed.44619220520	

CAPÍTULO 21	254
A PERFORMANCE ENQUANTO FLUXO DE COMUNICAÇÃO NA MODA	
Antonio Cimadevila Ione Maria Bentz	
DOI 10.22533/at.ed.44619220521	
CAPÍTULO 22	266
A MIDDLEWARE PERSPECTIVE FOR INTEGRATING GINGA-NCL APPLICATIONS WITH THE INTERNET OF THINGS	
Danne Makleyston Gomes Pereira Francisco José da Silva e Silva Carlos de Salles Soares Neto Álan Lívio Vasconcelos Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220522	
CAPÍTULO 23	280
UMA ABORDAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DE DESEMPENHO DO RECONHECIMENTO OFF-LINE DE VOZ CONTÍNUO	
Lucas Debatin Aluizio Haendchen Filho Rudimar Luís Scaranto Dazzi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220523	
CAPÍTULO 24	297
INVESTIGAÇÃO ONTOLÓGICA DA OBRA DE ARTE DIGITAL: LINGUAGEM UBÍQUA, MODELO DE DOMÍNIO E PROGRAMAÇÃO VOLTADA PARA AS ARTES VISUAIS	
Teófilo Augusto da Silva Claudio de Castro Coutinho Filho Carlos Tiago Machel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44619220524	
CAPÍTULO 25	306
A INFLUÊNCIA DA TRIDIMENSIONALIDADE NA NARRATIVA ANIMADA: <i>FROZEN</i> E O USO DA ESTEREOSCOPIA	
Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto Leonardo Antonio de Andrade Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Felipe Contartesi	
DOI 10.22533/at.ed.44619220525	
CAPÍTULO 26	317
UMA NARRATIVA PROCEDURAL DENTRO DO UNIVERSO FICCIONAL DA DC COMICS	
Leonardo Antonio de Andrade Felipe Contartesi Antonio Henrique Garcia Vieira Carolina Lourenço Reimberg de Andrade Paula Poiet Sampedro Danilo César Granatto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220526	

CAPÍTULO 27	332
FINAL FANTASY XV: A NOVA APOSTA MULTIPLATAFORMA DA FRANQUIA	
Maria Tereza Batista Borges Mirna Tonus	
DOI 10.22533/at.ed.44619220527	
CAPÍTULO 28	339
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM JOGOS VIRTUAIS: UM ESTUDO SOBRE CORPO E ESTRATÉGIA NO JOGO <i>LEAGUE OF LEGENDS</i>	
Cíntia Oliveira Demaria Márcia Stengel Valéria Freire de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220528	
CAPÍTULO 29	352
GAMEPÓLITAN: UMA ANÁLISE DAS OPORTUNIDADES DE COMUNICAÇÃO, UTILIZANDO-SE DO E-SPORT COMO FERRAMENTA DE ENGAJAMENTO	
Luana Britto Silva Vieira Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.44619220529	
CAPÍTULO 30	368
MÍDIAS DIGITAIS E O SITE DO COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL	
Carlos Augusto Tavares Junior	
DOI 10.22533/at.ed.44619220530	
CAPÍTULO 31	410
HOMOGENEIDADE E ENDOGENIA NOS INTERESSES DE JORNALISTAS DESCONECTAM VALOR NOTÍCIA E POPULAÇÃO	
Ana Maria Brambilla	
DOI 10.22533/at.ed.44619220531	
CAPÍTULO 32	425
O ENQUADRAMENTO DO <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF (PT) NAS REVISTAS <i>VEJA</i> E <i>CARTA CAPITAL</i>	
Carla Montuori Fernandes Eduardo Matidios Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.44619220532	
CAPÍTULO 33	437
PARTICIPAÇÃO E MÍDIA: UM DEBATE SOBRE A HEGEMONIA DISCURSIVA DO CAPITALISMO	
Michele Luciane Blind de Moraes Tulainy Parisotto	
DOI 10.22533/at.ed.44619220533	
CAPÍTULO 34	449
REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA BRASILEIRA: UM ESTUDO SOBRE O DOCUMENTÁRIO <i>O ACRE EXISTE</i>	
Daya de Kassia Pinheiro Campos Francielle Maria Modesto Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.44619220534	

CAPÍTULO 35 459

PARÂMETROS DE PRODUÇÃO DE CONTEÚDO RADIOFÔNICO SOBRE SAÚDE PARA CRIANÇAS DE SEIS A DEZ ANOS

Diana Diniz de Jesus
Daniela Pereira Bochembuzo

DOI 10.22533/at.ed.44619220535

CAPÍTULO 36 473

SOCIEDADE CIVIL ATIVA NA MEDIAÇÃO DAS RELAÇÕES DO MERCADO PUBLICITÁRIO COM O PÚBLICO INFANTIL

Marcos José Zablonsky
Natally Navarro Encinas Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.44619220536

SOBRE A ORGANIZADORA..... 490

ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA NARRATIVIZADA: AS REDES SOCIAIS COMO LUGAR DE FALA PARA SUJEITOS QUE CONVIVEM COM O AUTISMO

Igor Lucas Ries

Universidade Tuiuti do Paraná – UTP
Curitiba, PR

RESUMO: As postagens sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) são presentes nas redes sociais e assumem papel importante na forma com que os indivíduos, inseridos neste contexto, compreendem as realidades do mundo e da vida cotidiana. Nestes lugares de fala acontecem encontros, partilhas, bem como as narrativas das suas experiências. Por isso, a experiência, neste texto ensaístico, é trazida como fundamento epistemológico, como lente norteadora do estudo deste fenômeno. Indicam-se os fundamentos da experiência, iniciados nas referências de Walter Benjamin e, agora, com estudos de Vera França, e complementam-se com a experiência narrativizada. Por fim, defende-se a importância de situar este objeto de pesquisa, caracterizado pelos fragmentos autobiográficos de grupos unidos pelo autismo e que insinuam a busca por visibilidade e partilha de experiências, dentro do campo comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência narrativizada; Epistemologia; Comunicação; Redes Sociais; Autismo.

1 | A EXPERIÊNCIA COMO LENTE EPISTEMOLÓGICA

A experiência é um aspecto trazido neste ensaio, como conceito epistemológico, que direciona o olhar para uma determinada forma de narrativa: o lugar de fala, encontrado nas redes sociais, pelos sujeitos que vivem o autismo. É neste lugar que surgem narrativas e que se constitui uma forma de experiência narrativizada, numa rede digital de compartilhamentos imediatos de mensagens, tida como um meio pelo qual tais experiências se revelam.

O autismo torna-se, portanto, elemento de aproximação destes grupos, o interesse comum que oportuniza encontros e expressões. Reconhecido a partir dos grandes e importantes protagonistas cinematográficos, como a Temple Grandin (célebre profissional norte-americana com autismo), com seus potenciais savants (distúrbio psíquico com o qual a pessoa possui uma grande habilidade intelectual aliada a um déficit de inteligência), o autismo, hoje, é caracterizado como um Transtorno do Espectro Autista (TEA), com a abertura para existência de vários níveis de dificuldades no espectro, bem como com a inclusão de muitas potencialidades. Pertencente ao

DSM-V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) e ao CID F-84.0 (Classificação Internacional de Doenças), o TEA refere-se a um grupo de transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restritos pronunciados (AUTISMO & REALIDADE, 2016). Dentro deste diagnóstico, já nos primeiros meses de vida, as crianças demonstram dificuldade de se relacionar, de manter contato visual, apresentam preferências limitadas, além de terem dificuldade com a linguagem oral. Estes fatores implicam em limitações na socialização e desenvolvimento infantil, colocando estas crianças num mundo particular, com conexões restritas. Dados do *Center of Diseases Control and Prevention* (JUNIOR, 2014), órgão ligado ao governo Norte Americano, indicam a existência de um caso de autismo para cada 68 pessoas (1,47%) e, se considerada a população entre 3-17 anos, o número é de 1 para 45 pessoas (2,22%). Estes números aumentam à medida que as metodologias ficam mais precisas e os diagnósticos tornam-se mais precoces. Elevam-se os casos diagnosticados e, conseqüentemente, as experiências interacionais entre os grupos de indivíduos que compartilham a mesma vivência.

Uma condição de diferença, por premissa, traz desordem na rotina social. A busca por informações, tratamentos, apoio e consolo, oportuniza o aproximar de experiências vividas no cotidiano de outros indivíduos incluídos na mesma realidade. Formam-se grupos, trocam-se experiências, depoimentos, acontecem exposições ou recolhimentos, surgem mobilizações e interações sociais diversas. Nasce discursos, ideologias e estigmas, comunicações efetivas e também a banalização do autismo, por conta do consenso tácito que circula e nutre o saber comum.

Neste contexto social e cultural, intensificado pela experiência a partir do uso dos dispositivos tecnológicos como celulares e *smartphones*, os sujeitos, em suas vidas cotidianas, têm promovido práticas interacionais, trocas de apoios, narrativas testemunhais, além de reivindicações diversas, antes destinadas aos grupos presenciais de ajuda, bem como ao convívio familiar e social mais próximo. O êxito do uso das redes sociais, *blogs*, portais de informação, entre outras plataformas digitais com o compartilhamento de dados, permite que os indivíduos ampliem sua ação e exposição, que agora pode ter alcance global, com possíveis efeitos sociais e na cidadania. Neste caso, os relatos de experiências do universo autista, nas mídias sociais, surgem de anônimos, celebridades, profissionais da educação, médicos e por especialistas em tratamentos e terapias, revelando fatores culturais, bem como explorando a partilha da vivência.

Entende-se necessário, portanto, o estudo epistemológico da experiência que, neste caso, é norteadora de um objeto empírico de análise: as publicações dos grupos unidos pelo autismo nas redes sociais. Neste contexto, a epistemologia oferece um “conjunto de conhecimentos teórico-metodológicos ligados simbioticamente que permitem elaborar uma forma de investigar um objeto” (DUARTE, 2003), de maneira a direcionar um olhar para o tema, como uma lente que potencializa e dá foco ao estudo.

É a partir da lente da experiência, então, que se percebe a força discursiva dos grupos que estão diretamente ligados ao sujeito autista e que transportam para as redes sociais uma forma de narrativa. É por este viés que a observação destes eventos ganha força. São estas experiências, próprias do cotidiano, que revelam os anseios e os fatores culturais de uma sociedade, bem como indiciam as razões que impulsionam às exposições e as buscas por visibilidade.

2 | A EXPERIÊNCIA É NARRATIVIZADA

Viver ao lado do indivíduo autista é uma oportunidade de experimentar o mundo, através desta condição própria, diferente, especial ou particular. O cotidiano, portanto, promove os acontecimentos, as lutas, as conquistas, dificuldades ou vitórias, enfim, as experiências. A comunicação ou partilha destes acontecimentos pode se dar por diferentes meios de interação social ou lugares de fala e que, em cada um deles, certamente os resultados experienciados serão diferentes. Desta forma, tanto pelo autismo como por qualquer outro fator de vivência, as experiências irão imergir.

Para tal reflexão, torna-se importante buscar nos estudos de Walter Benjamin os fundamentos epistemológicos sobre experiência. Benjamin (1913), já nos primeiros ensaios sobre o termo, criticava a sua concepção como a apropriação de uma tradição que fazem os “adultos” quando reivindicam para si uma superioridade em relação aos menos experientes. O sociólogo expunha não ser possível qualificar a experiência pelo tempo de vida e indicava, nesta posição, uma preocupação epistemológica, através da crítica. Revelava que, independente da fase da vida, todo indivíduo poderia, através da linguagem, estruturar suas experiências e conhecimentos.

A partir do momento que o desenvolvimento tecnológico trouxe força de sobreposição ao homem, bem como dos resultados traumáticos causados pela primeira guerra que silenciou seus combatentes e os devolveu mais pobres em experiências comunicáveis, e também da aceitação da possibilidade do homem viver e construir com pouco, o pensamento de Benjamin (1933) sobre a experiência evoluiu e ganhou nova concepção, trazendo a pobreza como representação da experiência, caracterizada pelos efeitos da modernidade. Abordou, como problema social, o fato de que o homem vivera, então, fragmentos de experiências não reais com o mundo, direcionados como forma de mantê-lo imerso por fatos superficiais e que mascaravam sua real pobreza. A estratégia era assumir a pobreza da experiência moderna para, então, ultrapassá-la.

Outros aspectos da modernidade, como a imprensa e o romance, permitiram que Benjamin (1936) refletisse sobre o papel do narrador, indicando a possibilidade da extinção da arte de narrar. Esperava o fim da figura social do narrador, do seu lugar de fala e desta prática do conhecimento, bem como do vínculo social que este assumia, visto que o ato solitário do escritor e do leitor trazia consigo a menor possibilidade de interação e de interpretação, pelo caráter finalizado e de isolamento deste saber. Enfim, entendia que ali a experiência assumiria outra qualidade e natureza.

Esta reflexão inicial permite uma aproximação aos tempos atuais, fase das convergências tecnológicas, quando, através dos aparatos e das redes sociais, indivíduos de diferentes idades, realidades sociais, econômicas, culturais e demográficas, tornam visíveis suas experiências com o autismo através da publicação de imagens, postagens de testemunhos, relatos, ou seja, das suas diferentes experiências. Traz também, ao mesmo tempo, o entendimento de que estes narradores, nos seus lugares de fala, traduzem as suas experiências do cotidiano.

Como exemplo, uma postagem de *Facebook* transcrita de forma direta, publicada no dia 2 de abril de 2016 (dia mundial de conscientização do autismo), apresenta um discurso que revela pontos de reivindicação, um convite para que a sociedade lute a favor do autismo, indicando-o não como uma doença, mas sim como uma condição atual, contemporânea, diferente e pouco conhecida:

Pq não dizemos que é o dia da 'luta contra'? Pq autismo não é uma doença, é uma condição. A falta de informação gera um medo e o preconceito. Por isso, hoje é dia de gritar pro mundo todo: SOU MUITO FELIZ E ABENÇOADO POR DEUS POR TER A HONRA DE CONVIVER COM O R., meu filho que está no espectro autista (MION, 2016).

Neste trecho, o narrador permite compreender que a reflexão e a notoriedade do assunto acontecem sobremaneira por conta dos fatores da ordem comum, culturais, sem direcionamentos sociais ou demográficos, presentes também no pensamento benjaminiano sobre a experiência. Os aspetos são figurados, por exemplo, pela elevação do número de diagnósticos de pessoas com o TEA, pela procura por tratamento e atendimento especializado, na instituição mundial de uma data específica para promover a conscientização, além de demonstrar pistas da busca por resignificação deste conceito tácito, por apoio e reconhecimento. Ao narrar insinua, ao tratar o autismo como uma condição, uma preocupação com a resignificação. Com a sua experiência compartilhada, ao indicar a importância da informação, o autor da postagem dá um conselho que pretende diminuir o medo por parte dos que vivem próximos desta condição, bem como tenta evitar o preconceito, próprio da sociedade desinformada. Na sequência surge o apelo de “gritar para o mundo todo”, seguido do texto em caixa alta, chamativo, que expressa gratidão e honra. Estes elementos, entendidos neste tempo, sugerem uma prática social que demonstra expansividade, ou seja, a busca pelo direcionamento das atenções do mundo, para que notem o autismo (grito) e o enxerguem através da ótica da alegria, honra e gratidão.

A partir deste exemplo, permite-se o entendimento de que a natureza da experiência provém dos mais ordinários significados comuns, quanto daqueles mais refinados significados individuais, para designar todo um modo de vida, bem como é mutável, dependendo do lugar de fala. Na sociedade globalizada, marcada por fluxos de informações e pela disseminação de imagens, os indivíduos vivem inseridos na própria realidade cotidiana, respondendo às questões profissionais e familiares,

relacionando-se com outras pessoas ou instituições, compartilhando um universo comum. Desta forma, no cotidiano da vida, vivem experiências em resposta a outras experiências, experimentando fatos importantes para a vida presente (FRANÇA E GUIMARÃES, 2006).

De forma narrativizada, portanto, a experiência direciona o olhar para a mensagem, para o público comum e para as práticas e processos comunicacionais relacionados, neste caso, ao uso da rede social apenas como um aparato, um meio para se fazer partilha e trocas sensíveis sobre o ponto em comum, o autismo. É neste o contexto que Guimarães (2004) caracteriza a experiência estética, proveniente dos afetos e sensibilidades, promotoras das relações, da partilha e dos engajamentos. Percebe, através deste olhar, uma estética que provoca uma abertura para o mundo, para o compartilhamento e comunhão, para o pensar e sentir através do outro e que faz referência direta à essência da comunicação.

Neste resgate da alteridade, Marques e Martino (2015, p. 37) esclarecem que:

[...] pensar e sentir através do outro como forma de compreender melhor o sentir, o viver e o pensar de si mesmo está no âmago do processo estético da comunicação, que procura desenvolver o sentido da comunicação como um compartilhar que permeia, ou demanda, um envolvimento para além do cognitivo. [...] É neste sentido que a perspectiva de uma dimensão estética da comunicação sublinha o aspecto de sentir o outro, não apenas entendê-lo na forma de um entendimento comum, mas também na partilha de uma sensibilidade comum.

Portanto, a experiência estética não está apartada da experiência em geral, como um modo de contemplação dos objetos artísticos, mas valoriza a vivência de acontecimentos através dos objetos próprios de uma cultura, a partir de um conjunto de descobertas e acontecimentos que vão se articulando de forma coerente e podem ser expressos através da linguagem, ou seja, narrativizados. Desta forma, uma onda de interação é ativada de modo que o indivíduo, ao passar pela experiência, não permanece o mesmo (MARQUES E MARTINO, 2015).

Deste modo a participação, na experiência estética, torna-se o ponto focal. Neste entorno, Rancière (2010) olha para o espectador como um sujeito participativo, onde os encontros acontecem de formas diferentes, no espaço público, através da visibilidade. Defende a importância do fazer ver, fazer dizer e, por fim, partilhar. Compreende que a visibilidade não se reduz a um sistema expressivo dos conteúdos no espaço público, no mundo e na vida, mas participa como um agente opinativo, ativo e orgânico deste espaço público, sobre os conteúdos, aos quais ele associa. Desta forma, dá visibilidade.

Os sujeitos que vivem com o autismo são dados a ver, através de uma mistura de visibilidade do outro, sobre todos estes conjuntos de imagens, através do fator de aproximação, comum. Desta maneira, pelo sujeito ativo, as ordens podem ser quebradas, pelo “dar a ver”, ressaltando o valor político, ético e social destes indivíduos. Rompem-se as formas normatizadas de expor o mundo e a vida e surge uma nova forma de participar, partilhar e compartilhar (RANCIÈRE, 2010).

Não se trata, portanto, de uma experiência de vida isolada, mas que assume outra qualidade: a partilha das vivências. É essa outra qualidade, longe do isolamento, que permeia as práticas interacionais, com a exposição de relatos, postagens, testemunhos e outras formas discursivas nos grupos sobre autismo.

Por isso, esta reflexão permite uma aproximação aos tempos das convergências tecnológicas, quando, através dos aparatos e das redes sociais, indivíduos de diferentes idades, realidades sociais, econômicas, culturais e demográficas, tornam visíveis suas experiências com o autismo através da publicação de imagens, das postagens testemunhais, do compartilhamento de outros relatos, ou seja, das suas diversas experiências. Traz também, ao mesmo tempo, a oportunidade do entendimento de que estes narradores, nos seus lugares de fala, traduzem as suas experiências do cotidiano como sujeitos em ação social e interação.

Para esclarecer os papéis dos sujeitos no processo comunicacional, Vera França (2006) destaca a importância da compreensão da recepção, bem como do modo como se entende a figura do receptor, quando pensado em processos comunicacionais. Neste modo de compreender o receptor, percebe-se uma perspectiva crítica ao paradigma informacional, à cultura de massa e ao enfoque da sua passividade, presente nos estudos dos efeitos. Desta forma, ancorada nos estudos culturais e com foco nas mediações culturais, não somente os emissores (produtores / autores) têm função de sujeito. Esta função é dada também aos receptores que, dotados de suas diferenças individuais, não reagem de maneira única ao mesmo estímulo, mas sim dentro de padrões e variáveis socioeconômicas e culturais estabelecidos pelo seu meio. Os estudos de recepção buscam, como demonstra França (2006, p.3), a “inserção dos sujeitos em redes sociais, e identificam um sujeito que resiste, negocia, dribla os propósitos do emissor e promove usos particulares e diferenciados dos produtos consumidos”. Nesta perspectiva das mediações culturais, que entendem a “cultura como o lugar onde emissores e receptores se inserem em trocas dinâmicas”, se estabelece a tentativa de superar a abordagem fragmentada do processo comunicativo (FRANÇA, 2006, p. 4).

Considerando emissor e receptor como sujeitos do discurso, apoiada agora nas teorias da linguagem, França (2006, p. 5) indica que a “ação do sujeito diz respeito à sua relação com o produto discursivo e com a dinâmica de produção e/ou interpretação de sentidos”. Nesta dinâmica da ação, considera o emissor e o receptor como produtores e sujeitos da comunicação:

O sujeito produtor de discursos é alvo de conceituações diversas: narrador, enunciador, locutor. Ele é aquele que constrói a narrativa, que recolhe e costura elementos diversos, orientando a produção de sentidos; é aquele que produz o enunciado, o texto; é também a voz do discurso, aquele que fala dentro do enunciado. Em todos estes casos é sempre visto como agente, ser de intencionalidade. Ao receptor é dispensado um tratamento mais modesto, embora, nas reflexões mais recentes, também seja visto como sujeito, ser de escolha e de ação: ele reconhece e aplica o código do emissor, mas pode usar códigos alternativos; ele interpreta,

seleciona, se apropria, enfim, faz uma outra produção a partir de seu lugar (FRANÇA, 2006, p.5).

Esta relação é importante para esta pesquisa, pois entendemos que estes produtos discursivos, resultantes da ação dos sujeitos em torno do autismo, apresentam-se em diferentes formatos nas redes sociais: as publicações que partilham as experiências e testemunhos de vida, os *posts* de relatos de fatos em torno do autismo, as curtidas e compartilhamentos de outras publicações consideradas relevantes, etc.

São nestes espaços digitais (*online*) observados nesta pesquisa, portanto, que temos o intuito de verificar quais são estes modos de efetivação destas redes socioafetivas que seriam capazes de promover ações outras, como novas publicações testemunhais, promoção de atividades e eventos, possíveis encontros presenciais, encorajamentos, buscas por apoio ou tratamentos, bem como as discussões, rejeições ou conflitos.

Assim, por meio destes sujeitos do discurso, estas experiências são produzidas de forma narrativizada e colocadas nas redes, possibilitando trocas sensíveis, discussões e a abertura dos processos de interpretação e interação, capazes de promover estas ou outras novas ações.

Já pelo viés sociológico, estes sujeitos são tidos também como sociais (FRANÇA, 2006) pois se relacionam com o mundo e atuam, nele, como indivíduos de diferentes experiências que trazem consigo os condicionamentos resultantes destas tantas interações. Como resultado, entendemos que, dentro das suas diferentes culturas, constroem suas histórias, fazem história e atuam como sujeitos de diversas experiências.

Considerando as múltiplas dimensões destas vivências, dos conflitos sociais que acompanham estes indivíduos e das diferentes formas que utilizam para seguir ou resistir a tantos movimentos culturais, é que se entende a possibilidade de se refletir sobre os processos de comunicação a partir da cultura, e não dos meios. São nestes espaços culturais que estão presentes as práticas comunicacionais cotidianas, decorrentes das experiências vividas, onde se estabelecem grupos interessados em outras vivências próximas do autismo. Com foco na caracterização destes grupos sociais e das suas experiências compartilhadas é que percebemos, de certa forma, um abandono da “relação propriamente dita de consumo e recepção dos produtos midiáticos” (FRANÇA, 2006, p.8), como também a participação ativa destes sujeitos sociais e da comunicação, que colocam nos seus discursos os próprios anseios e condicionamentos culturais.

Notamos, então, a partir do discurso, a construção destes sujeitos (individuais e coletivos) e das suas identidades, que os posicionam no mundo e nos grupos interessados no autismo. A construção desta identidade está relacionada, portanto, “com discursos, objetos, práticas simbólicas que nos posicionam no mundo, dizem de nosso lugar em relação ao outro (lugar) e aos outros (sujeitos)”, marcando “inserções

e pertencimentos específicos de indivíduos e grupos” (FRANÇA, 2006, p. 9).

São nas relações com o outro, com a linguagem e com o simbólico, mediadas discursivamente, que se constituem os sujeitos (plural) sociais “da” comunicação (da ação comunicativa, interlocutores), mas que também estão “em” comunicação (em interação). França (2006, p.12) explica que estes sujeitos “não antecedem uma relação, mas resultam dela – sejam elas relações de conjunção, enfrentamento, de associação ou de conflito”. Deste modo, na cotidianidade das experiências com o autismo, os sujeitos unidos por laços discursivos podem estar em interação quando são capazes de produzir “gestos significantes para afetar o outro, sendo antecipadamente afetados pela provável e futura afetação desse outro” (FRANÇA, 2006, p. 14), o que os qualifica, portanto, como sujeitos em comunicação. Nessas experiências vividas, de mútua afetação, estes sujeitos tornam-se interdependentes das presenças de um e do outro, culminando, como efeito, na sociabilidade e na troca de expectativas recíprocas e conscientes.

Entendemos, portanto, que o autismo surge como uma ordem interativa, ou seja, um motivo presente entre estes sujeitos que estão em comunicação, que são afetados pelo outro por estarem inscritos em formas que permeiam os mesmos contextos, extensivos e, em boa medida, complementares (tanto da experiência direta, quanto do mediatizado), que indicam ou desenham o posicionamento de um grupo. São por estes contextos, ou modelos ordenadores, que se faz possível o confronto entre alguma situação específica em torno do autismo, com o conjunto de outras experiências passadas, capazes de promover a afetação mútua e, enfim, a interação. França (2006, p.16) contextualiza este fenômeno afirmando que “viver uma experiência é reagir àquilo que vem à luz, a partir dos atributos da situação vivida e com os instrumentos de experiências passadas”; e complementa indicando que, para se fazer uma experiência, é preciso ser afetado por ela e sofrer as suas marcas.

Assim, pelo uso da rede social, os sujeitos da comunicação se colocam em ação, produzindo discursos a partir das suas experiências vividas, construindo suas identidades. Estas experiências de vida, narrativizadas, podem suscitar, por sua vez, no mesmo enquadramento, respostas carregadas de outras referências ou condicionamentos, que atualizam suas experiências anteriores. Envolvidos nestas práticas comunicacionais, acreditamos que estes sujeitos sociais carregam e inserem as suas próprias condições nos discursos que estabelecem. Suspeitamos é que exista, portanto, a possibilidade da atualização das experiências vivenciadas pelos indivíduos com autismo, junto da sua rede de apoio, quando se deparam com outras experiências narrativizadas por novos atores que vivem o mesmo contexto.

Por outro lado, mesmo considerando a experiência do encontro entre estes agentes da comunicação e apesar de todo o relacionamento proposto pela rede social, não podemos deixar de considerar também a possibilidade de um falso imediatismo presente nestes lugares de fala. Fica a dúvida se há, no caso destes diferentes tipos de interações (testemunhos, relatos, postagens de fotos, etc.), por exemplo, alguma

modificação efetiva, imediata, na questão do autismo. Isso porque entendemos que as redes sociais provocam a impressão de não existir nenhum outro anteparo ou agente mediador da fala entre a pessoa que vive a experiência do autismo e os outros componentes, espectadores, convocados como testemunhas desta experiência. Por isso, será que as redes sociais, por serem um contexto, um ambiente ou meio, já não atuam com uma certa modulação ou negociação da imagem, mesmo que possibilitem as livres narrativas dos fragmentos de relatos e histórias de vida?

Suspeitamos que estes questionamentos se devem à existência de diferenças de discursos ou novas perspectivas dos mesmos relatos, quando são publicadas em meios diferentes, como nas revistas ou jornais, por exemplo. Apesar de parecer paradoxal, pois a rede social também é uma mídia ou uma forma de mediação, entrega uma falsa ideia de imediatismo e de uma experiência real e direta. Entendemos que este sujeito que narra sua experiência e posta suas fotos, utiliza este meio exatamente para poder ser visto, conseguir alcance, exposição ou visibilidade, para expressar seus anseios, suas causas, pois quer entregar parte da sua vivência aos que podem ver.

3 | A PARTILHA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

A relação que a experiência promove entre os indivíduos traz, então, a importância de situá-la como pertencente ao campo da comunicação, tanto pelos contatos e partilhas pessoais, quanto pelas práticas mediatizadas.

Aproximando as experiências da mediatização, Braga (2010, p. 74) propõe que estas perspectivas são abrangentes e que, portanto, “podem ser referidas à mediatização social, interações muito mais diversas do que apenas os momentos de defrontação direta com as interfaces tecnológicas”.

Tanto o narrador quanto o leitor da experiência narrativizada vivem, enfim, o encontro das consciências. A consciência, manifestada em percepção e que faz emergir a zona de fronteira, de troca de sentidos, só pode ser observada no encontro perceptivo, afirma Deleuze (1988 apud DUARTE, 2003). Ao discutir a possibilidade do sentido, o autor defende que este ocorre na fronteira, ou seja, no contato, no encontro. Portanto, não existe comunicação antes das consciências envolvidas se encontrarem. É a partir do contato, do plano comum, portanto, que o processo de comunicação pode ser ativado, que a experiência da troca, do tornar-se comum, pode acontecer.

Assim, foi pelo uso da rede social e da tecnologia que, na postagem anteriormente exemplificada e em tantas outras, aconteceu a experiência do encontro entre os agentes comunicacionais. As redes sociais, na Internet, permitem estas “trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador” (RECUERO 2014, p. 94). As pessoas se relacionam num ambiente interativo, onde predomina uma forma não linear e sem hierarquias, mas sim em rede. As curtidas, os compartilhamentos e, em especial, os comentários das pessoas que comungam experiências com o indivíduo autista, revelam a troca, o entendimento

e partilha, ações que só acontecem a partir da interação humana, e que faz da comunicação um processo social.

Por outro lado, é preciso considerar, apesar de todo o relacionamento proposto pela rede social, a possibilidade de um falso imediatismo presente nestes lugares de fala. Fica a dúvida se há, no caso destas interações, por exemplo, alguma modificação efetiva na questão do autismo. As redes sociais provocam a impressão de não existir nenhum outro anteparo ou agente mediador da fala entre a pessoa que vive a experiência do autismo e os outros componentes, expectadores, convocados como testemunhas desta experiência. Por isso, será que as redes sociais, por serem um contexto, um ambiente ou meio, já não atuam com uma certa modulação ou negociação da imagem, mesmo que possibilitem as livres narrativas dos fragmentos de relatos e histórias de vida?

Este questionamento se deve à existência de diferenças de discursos ou novas perspectivas dos mesmos relatos, quando são publicadas em meios diferentes, como nas revistas ou jornais, por exemplo. A imprensa apresenta uma perspectiva diferente, instantânea, como se perfurasse o espaço da mediação. Apesar de parecer paradoxal, pois a rede social também é uma mídia ou uma forma de mediação, dá uma falsa ideia de imediatismo e de uma experiência real e direta. Entende-se que o sujeito que narra sua experiência e posta as fotos, carrega em si um elemento de performance, pois utiliza este meio exatamente para poder ser visto, conseguir alcance, exposição ou visibilidade.

São por tais questionamentos que o estudo da experiência narrativizada se faz necessário no campo da comunicação. A experiência de vida, que reúne e permite a partilha, a comunhão do cotidiano, que é narrada e mediatizada, ilustra a importância tanto do “comum” quanto dos conflitos entre os indivíduos, ambos capazes de aproximar. Entre acordos e dissensos, o autismo surge como um elemento motor que aproxima grupos de interesses, permite o desenvolvimento, a partilha e a troca, e que dá sentido ao conceito maior da comunicação.

O sentimento de partilha é o que define a comunicação, é construir com o outro um entendimento comum sobre algo. É o fenômeno perceptivo no qual duas consciências partilham na fronteira. O entendimento comum não quer dizer concordância total com os envolvidos na troca. O entendimento pode ser a conclusão das consciências que discordam dos enunciados uma da outra. A linguagem desponta, então, com o objeto cultural de percepção do outro. A linguagem torna-se o plano no qual a zona de encontro pode ser desenhada mediante diálogo (MERLEAU-PONTY, 1945 apud DUARTE, 2003, p.47).

Nesta direção percebemos a comunicação como um processo vivenciado, relacional, em movimento. Nele, é o próprio indivíduo que carrega a condição de produzir novos significados, de interagir e de se desenvolver, como um espaço próprio para escolher ou para promover uma luta de forças, numa experiência comunicacional.

Analisar estas interações é ir ao encontro do “cerne da relação, a força que

coloca os sujeitos ou interlocutores produzindo sentido, sendo afetados pelo outro e pelo 'terceiro' (o social, pólo da cultura), afetando o outro e o terceiro" (FRANÇA, 2006, p.19).

Estas afetações compreendem, inclusive, a possibilidade de conflitos que mobilizam outras ações: as lutas por reconhecimento.

Neste contexto percebe-se a comunicação como um processo vivenciado, em movimento. Nele, é o próprio indivíduo que carrega a condição de produzir novos significados, de interagir e se desenvolver, ao invés de apenas reproduzir os modelos já existentes.

REFERÊNCIAS

AUTISMO & REALIDADE. **Diagnóstico do autismo**. Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/diagnosticos-do-autismo/>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza**. 1933. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Obras Escolhidas. Vol. I – Magia Técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: observações sobre a obra de Nikolau Lekow. 1936. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: Obras Escolhidas. Vol. I – Magia Técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAGA, José Luiz. **Experiência estética & mediatização**. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, Cesar; MENDONÇA, Carlos (org.). Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp 73-87.

DUARTE, Eduardo. **Por uma epistemologia da Comunicação**. In LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.) Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003, pp 41-54.

FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, Cesar. **Experimentando as narrativas do cotidiano**. In FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, Cesar. (org.) Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp 89-108.

FRANÇA, Vera. **Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação**. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp.61-88.

JUNIOR, Paiva. **Temple Grandin fala e entrevista exclusive para a Revista Autismo**. Revista Autismo. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-3/temple-grandin-fala-em-entrevista-exclusiva-para-a-revista-autismo>>. Publicado em 21 dez. 2012. Acesso em: 5 jul. 2016.

JUNIOR, Paiva. **Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças**. Revista Autismo. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>> Publicado em 28 mar. 2014. Acesso em: 5 jul. 2016.

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá. **A comunicação, o comum e a alteridade: para uma epistemologia da experiência estética**. Dossiê: Cotidiano e Experiência. Vol.22, Nº 02, 2º semestre 2015.

MION, Marcos. Facebook/MarcosMionOficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MarcosMionOficial/?fref=ts>> Publicado em 2 abr. 2016. Acesso em 28 jun. 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014.

UNIVERSO AUTISTA. **Síndrome de Savants: o que é síndrome Savant**. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/altern8news/article.php?storyid=19>>. Acessado em: 5 jul. 2016.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

SOBRE A ORGANIZADORA

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen: Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (UEPG); mestre em Crítica de Mídia (UEPG). Tem 10 anos de experiência em assessoria de imprensa.

Atualmente é proprietária de agência de publicidade que presta serviços na área de marketing e comunicação empresarial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-344-6

